

A SIGNIFICAÇÃO MÍTICA DO AUTO DA COMPADECIDA

Maria Elías Soares

Auxiliar de Ensino do Departamento de
Letras Vernáculas, da U.F.C.

1 — INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma proposta de análise semiológica e não apenas literária do texto *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Seguindo a teoria de Greimas, procuramos encarar a peça em estudo como discurso que é e que compreende, portanto, unidades frásticas e transfrásticas. O discurso em questão será entendido como um universo semântico fechado e auto-reflexivo, isto é, a gramática e as chaves para leitura devem ser procuradas no próprio texto, buscando-se, a partir daí, os procedimentos para sua descrição.

Como unidade transfrástica, o discurso situa-se num contexto mais amplo para o qual sua mensagem remete. Este contexto está relacionado com o próprio processo de criação da significação; para compreendê-lo, deveremos relacioná-lo com o conceito de cultura, "conjunto de sistemas simbólicos (...) que visam exprimir certos aspectos das realidades física e social" (Levi-Strauss, 1966, p. 88) e de ideologia, valor que o homem acrescenta a este conjunto simbólico e que pode va-

riar de uma sociedade para outra, de uma época para outra e até de um para outro grupo.

Para Greimas, a gramática da narrativa opera de forma dedutiva e analítica ao mesmo tempo. Esta gramática, a partir de aglomerados de sentido, desce por planos sucessivos para obter articulações significativas cada vez mais refinadas, para que o sentido apareça como sentido articulado e como discurso sobre o sentido.

Há dois níveis de representação e análise da narrativa: nível aparente e nível imanente. Ao primeiro corresponde a gramática narrativa superficial, cujas regras podem ser transportadas diretamente para os discursos e enunciados lingüísticos. Ao segundo nível corresponde a gramática fundamental que é de ordem conceitual. Portanto, uma gramática pode ser construída em dois níveis diferentes, ou seja, "é possível construir duas metalinguagens diferentes que dão conta de um só e mesmo fenômeno lingüístico presente em um terceiro nível — o da manifestação". (Greimas, 1975, p. 153) Estas duas metalinguagens são isótopas mas não isomorfas.

Dentre os vários estudos sobre a narratividade, poderíamos aproximar-nos da metodologia de interpretação dos mitos, já que a narrativa em estudo se enquadra na definição de mito que nos dá Roland Barthes: "O mito possui um caráter imperativo, interpelatório: tendo surgido de um conceito histórico, vindo diretamente da contingência (...), é a mim que ele se dirige: está voltado para mim, impõe-me a sua força intencional, obriga-me a acolher sua ambigüidade expansiva". (Barthes, 1978, p. 145). Para o mesmo autor, o mito impõe-se como mensagem e pode ser descrito como uma forma, em outras palavras, ele não se define pela sua substância mas por seus limites formais. Qualquer matéria pode servir de suporte ao mito, seja ela verbal ou visual; os próprios objetos poderão transformar-se em fala se significarem alguma coisa. É por isso que não se deve tratar o discurso mítico como se trata a língua, mas sim dentro da semiologia, ciência que concebe a linguagem de forma genérica.

O Auto da Compadecida afirma-se como narrativa mítica na dimensão da cultura religiosa do universo mitológico. Para alcançar a leitura máxima do texto, tentaremos utilizar passo a passo os procedimentos de descrição necessários. Deixamos de descrever estes procedimentos, uma vez que a teoria de Greimas é bastante conhecida entre nós e também porque preferimos remeter para uma bibliografia auxiliar.

2 — O UNIVERSO MÍTICO DO AUTO DA COMPADECIDA

A narrativa construída por Suassuna inspira-se em muitas outras similares e de muita popularidade, notadamente na *Idade Média*, cujos resquícios aparecem bem explícitos na consciência do povo, de tal modo que se manifesta no seu comportamento e na sua arte. Ao contrário das *Barcas*, de Gil Vicente, obra que talvez tenha inspirado a peça em estudo, por sua temática semelhante, a *Compadecida* tem uma preocupação nitidamente antropocêntrica, dentro de uma visão moralista-didática, propondo um aproveitamento imediato dessa moralidade que prega.

A pressuposição básica é a mesma que aparece nas outras obras semelhantes: Deus fez um contrato com o homem, em que este deveria cultivar valores como a virtude, a humildade, o amor ao próximo e, como prêmio, Ele lhe daria a salvação. Mas o homem rompe este contrato, preferindo outros valores materiais, razão por que é submetido a provas de cujo resultado sairá o prêmio (salvação) ou o castigo (danação).

A partir daí, Suassuna enveredou pela mitologia religiosa vigente e situou sua narrativa no tempo e no espaço. O tempo na peça tem uma concepção mais elástica e só se manifesta através de índices bem genéricos; o espaço, entretanto, é bem marcado: aí se apresenta o sertão do Nordeste, região mais sofrida do Brasil, com suas divisões sociais bem nítidas: o rico e o pobre, o preto e o branco, o opressor e o oprimido. No caso da distinção racial, ela poderá ser esquecida, caso a parte discriminada esteja no alto da pirâmide social.

O *Auto da Compadecida*, dado o seu caráter moral-educativo, apresenta situações absurdas para destacar o óbvio, ou melhor, aproxima de forma simples os conceitos teológicos, excessivamente abstratos e distantes para o aqui-e-agora do consumo popular.

A narrativa é armada sobre dois planos, em cada um dos quais os valores investidos se comportam diferentemente. Esses dois níveis, entretanto, são complementares e se articulam como que numa dimensão temporal, em que se pressupõe um antes e um depois, já no plano geral da narrativa, as duas se imbricam e se superpõem.

O herói que todos conhecem, através de sua esperteza, o tabaréu bem falante a quem não faltam respostas, cantado em versos pelo cordel e presente, de um modo geral, nos romances regionais, é investido da modalidade do poder e passa a representar o ideal de humanidade, dada a sua identificação com os valores exigidos para a salvação.

Quando Deus se fez homem, escolheu a pobreza e a humildade, únicos valores condizentes com a virtude. Mas Ele se viu freqüentemente tentado pela riqueza e pelo poder mundano, assim como os ministros da Igreja, elemento mediador do homem no seu itinerário mundo → céu. Isto pressupõe uma dicotomia, dentro da qual a narrativa se arma, a de vida terrena vs. vida extraterrena, às quais se associam os valores temporais e espirituais. Temos então:

OBS.: Não se procurou ainda a correspondência entre opostos dos valores, um a um, mas apenas da classe.

Vida terrena
(valores temporais)
riqueza
posição social
poder político
etc.

Vida extraterrena
(valores espirituais)
despojamento
humildade
caridade
etc.

3 — NORMALIZAÇÃO

3.1 — *Paráfrase*

Segundo Greimas, a descrição é a construção de uma rede de relações com a ajuda de denominações que são, ao mesmo tempo, relações constatadas e pontos de intersecção ou de disjunção.

O primeiro passo para se fazer essa descrição consiste na sua normalização, a partir de uma paráfrase do texto em estudo e conseqüente transformação em manifestação discursiva. Assim, apresentaremos as seqüências passíveis de delimitação na peça, uma vez que esta não pode ser transcrita na íntegra, acompanhadas de um ligeiro resumo do seu conteúdo. Desse modo, nossa análise ficará mais clara para o leitor.

Os sintagmas narrativos encontrados no *Auto da Compadecida* são os seguintes:

1 — João Grilo, humilde ajudante de padeiro do interior nordestino, procura o Padre para benzer o cachorro da mulher de seu patrão, embora reconheça que a proposta não será bem recebida, em virtude dos preconceitos da Igreja que ele tentará derrubar, vingando-se assim de certas injustiças praticadas por seus ministros.

2 — O Padre rejeita a proposta de João Grilo sob a alegação de que não é costume da Igreja ministrar esse tipo de sacramento a animais. João Grilo apresenta alguns motivos, entre eles o fato de que o cachorro pertence a Antônio Moraes, um latifundiário da região, respeitado pelo poder que lhe confere o dinheiro.

3 — Considerando esta argumentação, o Padre resolve atender João Grilo e benzer o cachorro.

4 — O major Antônio Moraes procura o Padre para benzer seu filho, que também se encontra enfermo e, enredado pela

trama de João Grilo, entra em conflito com o sacerdote. Cria-se um mal-entendido porque o Padre refere-se à proposta de Antônio Moraes segundo a versão de João Grilo, o que o faz falar do filho do Major como cachorro.

5 — Aborrecido com a situação criada e sentindo-se desrespeitado, Antônio Moraes resolve procurar o Bispo para apresentar queixa contra o padre João.

6 — João Grilo, pressentindo que a situação está se tornando insustentável, resolve esclarecer o mal-entendido, informando que o cachorro pertence à mulher do padeiro. O Padre reitera sua negativa primeira, desta vez assumindo a sua dependência em relação ao Bispo.

7 — O padeiro e a mulher trazem o cachorro para benzer e encontram o Padre ainda decidido a não ministrar a pretendida bênção. Durante a discussão, o cachorro morre.

8 — Agora, a mulher passa a desejar que se enterre o cachorro em latim. Ela e o marido tentam coagir o Padre, ameaçando suspender todas as esmolas e privilégios com que eles o beneficiam. João Grilo continua a argumentar e o Padre, sem condições para tomar uma decisão, foge.

9 — João Grilo é incumbido de resolver o problema, usando, para isto, uma quantia em dinheiro com que subornará o Padre e o Sacristão. Convencido, este enterra o cachorro em latim.

10 — O Bispo toma conhecimento da situação e João Grilo intervém, mais uma vez, tentando transformar a opinião deste através da denúncia contra o Padre e o Sacristão. O Bispo, grande administrador, não se convence com palavras e ameaça suspender o Padre e demitir o Sacristão; volta-se ainda contra João Grilo, repreendendo-o.

11 — O dinheiro conciliará a situação. João Grilo sugere nova partilha da herança do cachorro. Como grande administrador e também herdeiro, o próprio Bispo encontrará no Código Canônico justificativa para sua corrupção.

R. Com. Social, Fortaleza, 8 (1/2): 47-65, 1978

12 — João Grilo também pretende participar como beneficiário do testamento do cachorro. Para isto, ajudado por Chicó, vende à mulher do padeiro um gato que descome dinheiro.

13 — A mulher descobre que foi lograda e exige a devolução do dinheiro que pagara pelo gato. João Grilo não o devolve e aproveita o ensejo para relembrar antigas injustiças de que fora vítima como empregado da padaria, assim demite-se do emprego.

14 — Chegam dois cangaceiros: Severino de Aracaju e seu cabra. Depois de expulsar a polícia, saqueiam a cidade e exigem dos que estão no adro da Igreja que lhe entreguem todo o dinheiro. Em seguida, Severino manda seu ajudante matar todos.

15 — A sagacidade de João Grilo mais uma vez se manifesta pelo uso de um estratagema com que engana Severino. O Cangaceiro mata Severino e só depois percebe a farsa.

16 — João Grilo ataca o Cangaceiro, mas este, antes de morrer, consegue matar seu agressor.

17 — Todos aguardam o Júízo Final, quando João Grilo presente a presença do Demônio. Nesse momento entra o Encourado que, após breve diálogo com os recém-chegados, ordena a seu subordinado e a todos que entrem no Inferno. João Grilo denuncia a parcialidade com que todos estão sendo julgados e apela para Jesus Cristo.

18 — O Encourado, que já estava satisfeito com as novas vítimas conquistadas, em conseqüência das falhas destas na terra, mostra-se contrariado porque Jesus Cristo atende ao pedido. Este inicia o julgamento, permitindo ao Encourado o privilégio da acusação. João Grilo acusa também no momento em que as vítimas são seus patrões.

19 — João Grilo também é acusado, mas apresenta sempre atenuantes para suas culpas. Quando tudo está praticamente perdido, ele resolve pedir a intercessão de Nossa Senhora, que se compadece de todos e lhes consegue a salvação.

20 — João Grilo teve como sentença, após a intercessão de Nossa Senhora, a sua volta à vida terrena. Quando acorda, depara-se com Chicó fazendo o seu enterro. Chicó diz a João Grilo que ambos estão ricos com o dinheiro deixado por Severino, o que leva nosso herói a fazer planos de grandeza.

21 — Chicó lembra-se de que fizera uma promessa a Nossa Senhora, cujo sacrifício seria renunciar a todo o dinheiro que conseguira com a morte dos outros, pela recuperação de João Grilo. Este tenta um meio para ficar com, pelo menos, metade do dinheiro, alegando o fato de que não participara da promessa.

22 — João Grilo e Chicó resolvem pagar a promessa.

3.2 — A estrutura da mensagem narrativa

O quadro abaixo visa à compreensão do encadeamento das funções constitutivas dos sintagmas narrativos, mostrando também a articulação dos termos que os compõem (funções seguidas de um ou mais actantes). Estes sintagmas não correspondem necessariamente às seqüências apresentadas na paráfrase, pois importa atender à integração das unidades narrativas.

É preciso ainda deixar claro que a “codificação dos actantes (representados pelos lexemas-atores) encontra sua importância quando se tratam das unidades contratuais às quais cabe o papel da organização de conjunto da narrativa. As funções que os definem constituem um jogo de aceitação e recusas de obrigações entre as partes contratantes e provocam, em cada momento, novas distribuições e redistribuições de papéis.” (Greimas, 1975, p. 195).

Como já dissemos anteriormente, o *Auto da Compadecida* contém dois planos narrativos bem distintos, que se intercomplementam na estrutura mítica. Por essa razão, apresentamos um quadro para cada uma dessas narrativas, integrando-as, depois, na análise sêmica.

QUADRO A: O MITO DA TEMPORALIDADE

Sintagmas	Lexemas-atores	Actantes
1 e 2 Prova glorificante deceptiva	João Grilo	A1
	Padre	A3 - A6
	Cachorro	A4
	Chicó (Bênção)	A5 A2
3 Conjunção	João Grilo	A1
	Padre	A3
	Cachorro	A4
	Antônio Morais	A5
	(Bênção)	A2
Sintagmas	Lexemas-atores	Actantes
4 e 5 Disjunção	Antônio Morais	A1
	Filho	A4
	Padre	A6 - A3
	Cachorro	A4
	(Bênção)	A2
	Bispo	A5
7 e 8 Prova glorificante deceptiva	Padeiro e mulher	A1 - A3
	Padre	A6
	Cachorro	A4
	Luta 1	
	João Grilo (Enterro)	A5 A2
9 Prova Principal	João Grilo	A1
	Sacristão	A3 - A5
	Padre	A5
	Cachorro	A4
	(Enterro)	A2

10	Disjunção	Bispo	A1 - A3
	Prova glorificante	João Grilo	A4 - A6
	deceptiva	Sacristão	A4
		(Punição)	A2
<hr/>			
11	Prova Principal	João Grilo	A1 - A4
		Bispo	A3 - A4
		Padre	A4
		Sacristão	A4
		Chicó	A5
		(Adesão)	A2
<hr/>			
	Sintagmas	Lexemas-atores	Actantes
<hr/>			
12	Prova	João Grilo	A1 - A3
	Qualificante	Mulher	A4
		Chicó	A5
		(Dinheiro)	A2
<hr/>			
13	Prova Principal	João Grilo	A6 - A3 - A4
		Mulher	A1
		Padeiro	A6
		(Dinheiro)	A2
<hr/>			
14	Disjunção	Severino	A1 - A3 - A4
	Luta 2	Os outros	A6
		Cangaceiro	A5
<hr/>			
15	Prova	João Grilo	A1 - A3
	glorificante	Severino	A4
	deceptiva	Cangaceiro	A6
		Chicó	A5

16 Luta 3	João Grilo	A1 - A3 - A4
	Cangaceiro	A1 - A3 - A4
	Chicó	A5
	(Vida)	A2
20 Disjunção Prova qualificante	João Grilo	A1 - A4
	Chicó	A5 - A4
	Compadecida	A5 - A3
	(Dinheiro)	A2
21 Luta 4	João Grilo	A1 - A3 - A4
	Chicó	A5 - A4
	(Dinheiro)	A2
Sintagmas	Lexemas-atores	Actantes
22 Prova Principal	João Grilo	A1 - A4
	Chicó	A5
	Compadecida	A4 - A3
	(Salvação)	A2

QUADRO B: O MITO DA ESPIRITUALIDADE

Sintagmas	Lexemas-atores	Actantes
17 Disjunção Prova glorificante deceptiva	Demônio	A6 - A3
	João Grilo	A1 - A5 - A4
	Os outros	A1 - A4
	(Salvação)	A2
18 Prova qualificante. Luta 1	Jesus Cristo	A3
	Demônio	A6
	Encourado	A6
	Os outros	A1 - A4
	João Grilo	A1 - A4 - A6
	(Salvação)	A2

19 Prova Principal	Jesus Cristo	A3
	Compadecida	A5
	João Grilo	A1 - A5 - A4
	Encourado	A6
	Os outros	A1 - A4
	(Salvação)	A2

4 — COMENTÁRIOS

4.1 — *O plano temporal*

Como dissemos anteriormente, a oposição sêmica espiritualidade vs temporalidade orienta esta narrativa e, nesta divisão, situa-se o cerne dos conflitos. Teoricamente, os valores espirituais estão disponíveis para todos, enquanto os valores temporais como o dinheiro, a posição social e o poder daí decorrente não o são. Daí se origina uma segunda divisão, desta vez no plano de vida terrena: a dos detentores destes valores, que os desejam cada vez mais e a dos não-detentores, que também os desejam. Aos primeiros corresponde a classe opressora e aos segundos, a classe oprimida. Como os valores temporais são incompatíveis com os espirituais, tem-se que, em princípio, os pobres e oprimidos receberão, por direito, o reino dos céus. Aos opressores, entretanto, está destinada à danação eterna.

É possível agora falar de duas definições de vida e de morte, conforme se trate dos valores temporais ou espirituais. No plano dos valores temporais vida é igual a riqueza e morte é igual a pobreza, já no plano dos valores espirituais, vida é igual a virtude e morte é igual a pecado.

A maioria dos sintagmas-narrativos possui como sujeito (A1) João Grilo, substituído em algumas provas pela mulher do padeiro, ambos lutando pelo mesmo objeto, as benesses da Igreja (primeiro, a bênção para o cachorro e, em seguida, enterro em latim, já que o animal morrerá). No plano sêmico,

entretanto, o objeto é a virtude e a afirmação da igualdade perante Deus, pois as provas pressupõem um Contrato entre Este e o homem: Deus é fonte de vida e salvação, no plano terreno a Igreja é detentora da vida, que distribui sob forma de bênçãos e sacramentos, devendo também ser intermediária da salvação através das mesmas bênçãos e dos mesmos sacramentos. Essas graças devem ser atribuídas indistintamente, isto é, sem discriminação social ou racial.

Três provas principais constituem a seqüência reintegrante porque estabelecem a posse dos objetos pelo sujeito João Grilo. Deste modo, constituem provas principais a obtenção das benesses da Igreja, a igualdade, ou seja, a participação nos lucros e, conseqüentemente, a vingança à opressão dos patrões; a obtenção ainda da salvação, a partir do momento em que se propõe a abdicar dos bens materiais que caracterizam a vida terrena.

A partir dessa seqüência, poderemos estabelecer as definições de vida e de morte no plano terreno. Temos, então:

- V — definições positivas de vida (riqueza)
- ñV — definições negativas de morte (pobreza)
- M — definições positivas de morte (desigualdade)
- ñM — definições negativas de vida (igualdade)

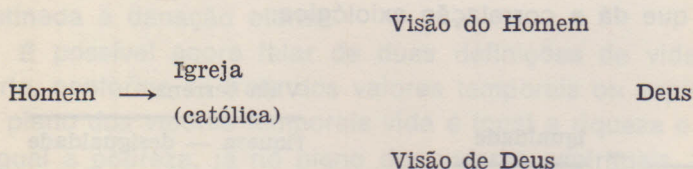
O que dá a correlação axiológica:

		Vida terrena
riqueza	—	riqueza — desigualdade
pobreza	—	Morte em vida
		pobreza — igualdade

Na seqüência alienante existe uma situação de tensão correspondente às provas glorificantes deceptivas, nas quais

os oponentes (Bispo e Padre) tentarão desfazer todos os argumentos do sujeito com vistas à obtenção do desejo deste. Os princípios de moralidade defendidos pelos ministros de Deus são novamente analisados quando o sujeito consegue adjuvantes (o padeiro e a mulher) e quando usa a força persuasiva do dinheiro. Nesse momento, a posse do objeto é garantida (prova principal). Renova-se a luta com a disjunção ocasionada pela chegada de Severino, o que tornará possível o Julgamento Final. A posse de bens materiais e, em seguida, a morte, coloca todos em igual situação perante Deus.

A humanidade está, portanto, representada nos seus pecados, nos seus anseios e nas suas fraquezas. A peça põe em cheque a posição da Igreja no seu papel de mediadora entre Deus e o Homem, oscilando todo o tempo entre o Bem e o Mal, a Verdade e a Mentira, a Justiça e a Injustiça. Suassuna deixa bem claro que a Igreja não são os seus ministros (visão do homem), pois estes são homens iguais aos outros. Ao mesmo tempo em que existem padres ou bispos corruptos, os há também santos como o frade e o bispo anteriores, mencionados na peça (visão de Deus). A Igreja, tanto espacialmente (na montagem da peça e nas pequenas cidades do interior do Nordeste), como na construção da mensagem, é o centro, o ponto de encontro para onde convergem todas as ações da peça. Nessa posição, ela revela o homem e é por ele revelada.



Nesse contexto, temos toda a problemática terrena: o mais fraco tenta obter do mais forte aquilo que o torna poderoso: o dinheiro. Essa "distribuição" dos bens é operada pela esperteza (embuste ou mentira), representada por João Grilo

ou pela força, na caracterização de Severino. João Grilo (e Chicó), Severino (e seu Cabra) representam toda uma classe oprimida, típica do sertão. O primeiro tira soluções do nada, a necessidade obriga-o a criar; Chicó é covarde, submisso, também um tipo, mas sua posição na peça serve apenas para marcar um contraponto do personagem João Grilo. Já Severino e seu ajudante representam o momento histórico, a encarnação de outra forma de justiça do sertão.

Está aí toda a dialética para a compreensão do homem: ele a toda hora abdica do ser pelo ter, perdendo sua identidade com Deus. A solução estará no não-ter, pois, no momento em que o ser se apodera do ter, para glória da justiça, ele se corrompe. João Grilo comete pecado exatamente por querer igualar-se àqueles a quem reivindicou a justiça, corrompendo-os ou expondo suas faltas. Desses ele recebe a vida (no plano material), que é logo transformada em morte.

4.2 — *O plano espiritual*

No plano extra-terreno (quadro B), os homens se encontram despojados de todos os bens materiais, embora exista a necessidade de uma prestação de contas em que todos os procedimentos terrenos serão considerados. Deus estabelece um contrato entre Ele e sua criação, a quem armara com o Livre-Arbítrio, de cujo bom uso o homem depende para sua salvação.

A disjunção acontece quando os homens se encontram para o julgamento, cuja sentença desejada é a salvação. Há uma prova glorificante deceptiva porque o objeto (salvação) é alienado do sujeito pela ação contrária do oponente (Diabo). O pedido que João Grilo faz a Cristo, que vem assumir a posição de juiz, favorece ao sujeito (todos os réus), constituindo-se numa prova qualificante. É ainda João Grilo quem pede a intercessão de Nossa Senhora, por quem todos serão beneficiados, encerrando-se a seqüência reintegrante com uma prova principal.

A volta de João Grilo após o julgamento comprovará a integração entre os dois planos, o terreno e o extra-terreno, através dos valores morais e espirituais que ele passará a vivenciar.

Vemos, portanto, que, na parte referente ao julgamento final, o esquema é clássico, exceto no seu resultado. A situação inicial é de igualdade para todos: a humanidade, aí representada, deseja a salvação que será concedida ou negada por Deus, para Sua eterna glória sobre o Diabo (oponente). Quanto ao resultado, está implícita a asserção de que há sempre uma possibilidade de salvação para o homem, o que importa é a vitória de Deus sobre o Diabo.

A correlação axiológica, que dá conta dos valores investidos no contrato inicial e de sua vigência no plano espiritual, pode ser posta nos termos seguintes:

salvação	—	descrença
<hr/>		<hr/>
danação		fé

Toda a narrativa do julgamento expõe o homem na dependência da vontade divina. Para conseguir o objeto, o sujeito o pede a seu destinador, provando assim que acredita na sua justiça. Aí se revela sua fé. A justiça, entretanto, se fará nos termos do contrato, o que, considerando a situação inicial desse plano narrativo, consistiria na alienação definitiva do sujeito em relação a seu objeto. Como a fé é infinita, o homem apela para a misericórdia (mãe da justiça) também infinita.

Justiça e misericórdia terão como lexemas-atores, respectivamente Jesus Cristo e a Compadecida. Ao primeiro, cabe fazer valer as normas do Contrato, já que, tendo sido homem, é mais Deus. À segunda, cabe reintegrar o homem com seu objeto, pois seu vínculo com a humanidade é natural, portanto mais forte.

Essa visão que o homem tem de Deus, exposta na peça, pode ser expressa nos seguintes termos:

<u>Jesus Cristo</u>		
— Espírito (divindade)	Justiça	
— Matéria		Salvação
<u>Compadecida</u>		
— Espírito (santidade)	Misericórdia	
— Matéria		

A salvação é aqui colocada também em dois planos, tanto no plano do espírito, o que corresponde à sua destinação imediata (para o céu) ou mediata para o purgatório como no plano material, o que corresponde à destinação mediata para a terra, onde ele se fará digno de merecer o céu.

Agora, então, se entende a asserção inicial com a reintegração definitiva, segundo os planos divinos. De acordo com os valores culturais (religião enquanto instituição), há o propósito de ratificar as decisões dos seus representantes (o frade já absolvera todos os réus), afirmando a legitimidade dos sacramentos, e de valorizar as relações entre os seus membros (a parte ofendida deve conceder o perdão a seu ofensor).

A transformação, portanto, se apresentará conforme o esquema abaixo:

	<u>Deus</u>	→	<u>vida eterna</u>
	Justiça		salvação — fé
<u>salvação</u>	—	→	<u>descrença</u>
Danação			fé
	<u>Compadecida</u>	→	<u>Vida terrena</u>
	Misericórdia		salvação — fé

Como vemos, o resultado final foge ao esquema clássico de cumprimento de estabelecido no contrato. Essa distorsão contém a mensagem exposta na asserção que visa colocar o homem diante da misericórdia divina, levando-o assim à compreensão dos preceitos religiosos e, conseqüentemente, ao respeito a estes.

Podemos finalmente esquematizar a estruturação da narrativa nas duas seqüências, alienante e reintegrante. É o que veremos a seguir no quadro C.

QUADRO C

Seqüências	Sintagmas narrativos
1. Alienante	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15, 20, 21
2. Reintegrante	9, 13, 22

Este trabalho foi elaborado por:
Maria Elias Soares e
Marisa de Murilo Silva Bernardes

5 — BIBLIOGRAFIA

- BARRADAS, Olívia Gomes. — Análise estrutural de "Dão-la-la-lão" *Littera*. Rio de Janeiro, 4: 68-76, 1972.
- BARTHES, Roland — *Mitologias*. 3. ed. Rio de Janeiro, Difel, 1978.
- GREIMAS, A.J. — *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix, Ed. da USP, 1973.
- — *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1975.
- — Os atuantes, os atores e as figuras. In: *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo, Cultrix, Ed. da USP, 1977.
- — *Maupassant. La semiotique du texte: exercices pratiques*. Paris, Du Seuil, 1976.
- PINTO, Milton José — Elementos para uma teoria da interpretação semântica dos discursos. In: *Estrutura, ensino e teoria da linguagem*. Petrópolis, Vozes, 1971, p. 180-215.
- R. Com. Social, Fortaleza, 8 (1/2): 47-65, 1978

- — Matraga, hora e vez das mitologias. *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, 2: 39-48, 1971.
- RASTIER, François — *Essais de sémiotique discursive*. Paris, Mame, 1973.
- RECTOR, Monica — Uma aproximação à semântica estrutural de Greimas. A lingüística hoje. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 32: 98-111, 1973.
- — A mensagem da telenovela. Cultura, arte, literatura. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 33-34: 116-129, 1973.
- SUASSUNA, Ariano — *Auto da Compadecida*. 10. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1973.

1 — INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem um caráter essencialmente teórico e pretende fazer uma abordagem do problema da interação como agente de modificação de atitudes nos ouvintes. O estudo da televisão é, hoje, um assunto bastante amplo e complexo. São várias as especialidades que vêm se interessando por ele, as pesquisas são fundamentalmente feitas através de métodos quantitativos de natureza psicológica.

Introdução do processo de aprendizagem, domínio da linguagem, atitudes passiva em nível da televisualizar, aprendizagem verbal, são as principais preocupações de natureza psicológica. A televisão como aparelho ideológico, influência da TV nas relações interpessoais familiares, TV e consciência de classe, função da publicidade e TV educativa, são temas e pesquisas que estão em andamento em diversas escolas.

No Brasil, a preocupação com profissionais da área de Comunicação envolveu a realização de um encontro, "I Simpósio Nacional sobre Televisão e Cultura", em agosto de 1972, onde participaram de mais de sessenta áreas IVI em representação de deixar os comentários suas preocupações sobre o assunto.

No desenvolvimento deste trabalho optamos por fazer um estudo sobre "A influência da televisão nas atitudes infantis".